

O BRINCAR E A REALIDADE NO CONTEXTO DA CLÍNICA INFANTIL DE ORIENTAÇÃO ANALÍTICA: UM ESTUDO DE CASO

Janaína Schultz¹

Jerto Cardoso da Silva²

Resumo: Um espaço terapêutico que trabalha mediante a orientação psicanalítica busca proporcionar ao sujeito a estruturação simbólica de elementos subjetivos inconscientes. Portanto, esse escrito teve como objetivo compreender o modo de trabalho desta abordagem frente à clínica da infância, a qual muitas vezes utiliza o brinquedo como método de expressão. Isso pois, a brincadeira é a forma pela qual a criança associa livremente, demonstrando as representações do seu mundo interior. Desse modo, o mesmo configura-se como um estudo de caso, sendo resultado de um dos atendimentos psicoterápicos de uma criança de oito anos. Nasio (2001) expõe que um estudo de caso decorre de um interesse bastante particular do terapeuta à algum de seus analisandos. Para tanto, pretendeu-se apresentar o entendimento psicodinâmico deste citado, sendo mencionadas passagens suficientemente relevantes para se pensar o mesmo. Foi possível perceber que embora esta abordagem tenha sido configurada há tanto tempo, ainda hoje permanece sendo atual, em que a sensibilidade do analista torna-se algo essencial neste trabalho, bem como o fato de se manter as propostas interessantes no processo de análise. Além disso, reafirmasse o fato de que a presença dos pais é fundamental, tendo em vista que a criança constitui-se frente ao imaginário dos mesmos, bem como pelo seu discurso, para reconhece-se como ser humano. Reporta-se para as nuances que o modo interpretativo toma, em direção à constantes construções, assumindo um caráter de remodelagem do material clínico, onde também a transferência fora algo fundamental nesse processo.

Palavras-chave: Psicanálise. Clínica infantil. Caso clínico.

1 INTRODUÇÃO

O escrito a seguir diz respeito a uma produção teórica analítica, a qual compunha uma das tarefas obrigatórias a serem apresentadas à disciplina de Estágio Integrado em Psicologia III e IV. A mesma configura-se como um estudo de caso, o qual abarcará aspectos da psicoterápica psicanalítica frente à infância e a utilização do brinquedo como método que visa a expressão, bem como representações da criança em relação ao seu mundo interior.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul e estagiária do Serviço Integrado de Saúde (SIS) na Abordagem Psicanalítica. (janainaschultz@gmail.com).

² Docente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul e orientador de Estágio Curricular do Serviço Integrado de Saúde (SIS) na Abordagem Psicanalítica. (jerto@unisc.br)

O propósito de trabalhar tal temática se deu a partir de um dos atendimentos realizados no Serviço Integrado de Saúde (SIS), que faz parte do estágio curricular em Psicologia no referido local. Em relação a isso, lembra-se que no decorrer do mesmo, buscar-se-á fazer um entendimento psicodinâmico aprofundado do caso em foco, este sob a luz da teoria psicanalítica.

Para situar de que se trata um caso, Nasio (2001) expõe que o mesmo decorre de um interesse bastante particular do terapeuta à algum de seus analisandos. Portanto, para os psicanalistas, um caso tem finalidade de expressar a singularidade do sujeito que sofre, bem como da sua fala. Por fim, nesse mesmo sentido, pode-se colocar que um caso é relativo a uma demonstração sensível, “[...] um fragmento de vida, e podemos, finalmente, concebê-lo como a pintura viva de um pensamento abstrato” (NASIO, 2001, p. 12).

2 A CLÍNICA PSICANALÍTICA NA INFÂNCIA

Ao se falar na historicidade da clínica infantil, logo dois nomes são destacados: Anna Freud e Melaine Klein. Contudo, de fato se torna importante evidenciar que as bases fundamentais do estudo acerca da psicanálise de criança foram desenvolvidas por Sigmund Freud. Este por volta dos anos 1909, a partir da análise do caso do menino de cinco anos, o pequeno Hans, anunciou o que fora visto como o primeiro modelo de análise infantil. A abertura para esta descoberta de Freud se deu a partir do momento que o pai do menino Hans passara a observar, assim como registrar acontecimentos e comentários evidenciados pelo filho, os quais eram mencionados ao analista, que por sua vez os interpretava. Por meio deste caso, Freud teve a possibilidade de comprovar sua teoria infantil, e, além disso, confirmar a análise de criança como algo que poderia ser aplicável. Porém, a apresentação das observações realizadas por Freud, fez com que emergissem discussões, evidenciando a indignação da sociedade da época, a qual acusava a Psicanálise de “roubar a inocência da criança” (CAMAROTTI, 2010, p. 49).

De maneira geral, o *setting* de análise psicanalítica tem presente na sua configuração dois integrantes: o paciente e o analista. Nesta composição aqui descrita, a sensibilidade por parte do analista se torna algo fundamental no que se refere ao percurso da análise. Isso, devido as várias nuances que o sofrimento humano assume. Nesse sentido, ao se falar no espaço terapêutico sob a luz da psicoterapia psicanalítica, coloca-se que este busca por proporcionar ao sujeito “[...] a estruturação simbólica dos processos subjetivos inconscientes” (BARROS, 2013, p. 71).

Neste decurso referente ao trabalho desenvolvido, o analista passa a ocupar um papel de objeto de substituição, onde é figura importante para que se desenvolva a transferência e a contratransferência significativas no processo de análise. Ao que se refere à transferência, esta se coloca como uma ferramenta bastante relevante na construção do caminho em direção “[...] ao eu individualizado” (WINNICOTT, 1993, p. 75). Em relação a isso, é necessário que se saliente o fortalecimento do vínculo terapêutico, para que seja possível a constituição da confiança, fato que conduz o paciente a sentimento de cuidado.

Sendo, portanto, um método de investigação dos processos inconscientes do indivíduo, a Psicanálise atenta seus olhares para o mundo subjetivo do mesmo, mantendo desse modo uma constante no que se refere aos processos psíquicos. E, ao lançá-los sobre a clínica infantil, esta abordagem percebe o conceito de criança, bem como de infância como algo permeado por mudanças as quais ocorrem mediante o tempo ou lugar (PRISZKULNIK, 2004). Nesse sentido, Freud mesmo que tenha sido o responsável por dar início ao trabalho da análise infantil, acabou por não dedicar-se a ela (CAMAROTTI, 2010). Mas, embora isto tenha acontecido, o mesmo deixou algumas percepções e contribuições sobre a criança, ser este que compunha tal espaço de trabalho.

Segundo Prizskulnik (2004), antes do seu nascimento a criança já está em construção. Isso significa dizer, que este sujeito humano antes desse momento, já se encontra demarcada pelo imaginário dos pais, formado pelo desejo inconsciente dos mesmos. Em decorrência da história individual desses últimos, esta já representa algo, bem como tem um lugar simbólico na vida de ambos. E nesse sentido, ressalta-se o fato em relação à importância de realizar-se os possíveis tratamentos com as crianças, tendo como participantes os pais da mesma (SILVA; REIS, 2017). Isso, pois, através desse procedimento serão possíveis compreender os motivos que são inerentes a determinadas situações que podem fazer com que alguns fenômenos venham a se apresentar.

O cuidado e reparo do adulto frente à criança se torna essencial para sua sobrevivência. E, além disso, para que este indivíduo tenha a possibilidade de humanizar-se, necessita do discurso dirigido sobre ele, conduzido por este Outro. Ou seja, este ser humano, aqui citado como alguém que não fala, precisa ter o investimento de alguém para que possa se reconhecer como sujeito (ARAÚJO, 2002). Pode-se se falar sobre uma inseparabilidade do mundo psíquicos da criança e de seus pais, portanto a presença de tais responsáveis na psicoterapia psicanalítica infantil é bastante recorrente. E, em relação a este aspecto, a efetividade no tratamento, bem como a adesão

da criança, está integralmente ligada ao funcionamento psíquico dos responsáveis pela criança (SILVA; REIS, 2017).

Alguns autores reportam para o fato da importância de se realizar desde a infância a psicoterapia. O motivo pelo qual ressaltam esta prática mais cedo na vida, diz respeito ao auxílio na prevenção de posteriores desordens mentais ao longo do desenvolvimento da criança, ou ainda a intensificação de sintomas (NUNES et al., 2009 apud SILVA; REIS, 2017).

Mannoni (1987, p. 15) evidencia que a criança que não se encontra sã demonstra-se como sendo o “[...] suporte daquilo que os pais não podem enfrentar. Nesse sentido, a autora enuncia sobre os consequentes sintomas nas crianças, estes implicados pelos seus responsáveis: seus pais”. Araújo (2002) menciona a existência de um aspecto bastante interessante sobre o discurso exposto pelos pais, mais precisamente na análise psicanalítica infantil, a qual é chamada de “transmissão dos significantes transgeracionais”. Relativo a isso, Lacan (1969), remete ao fato de que o indivíduo se constitui mediante o discurso familiar. Frente ao exposto o autor explica que a criança, responde ao que se encontra de sintomático na sua composição familiar.

Frente ao exposto anterior, esta é uma das razões pelas quais se torna tão relevante trabalhar-se conjuntamente algumas questões com os pais. Isso, pois, ao escutá-los se torna possível apreender como se dão as condutas discursivas na composição do enredo familiar, percebendo desse modo qual lugar a criança ocupa nesta estrutura (ARAÚJO, 2002).

Para tanto na clínica da infância, o analista precisa denotar-se como alguém interessante em relação ao trabalho que desenvolverá para com a criança. Buscando por, primeiramente conquistar a sua confiança, na medida em que estabelece o vínculo terapêutico com a mesma. Em relação a isso, este profissional ao longo de seus atendimentos, fará uso de alguns objetos lúdicos, bem como brincadeiras, os quais auxiliarão nas representações do ambiente interno, bem como inconsciente da mesma tendo a possibilidade de acesso aos materiais que compõe este universo de significações as quais são intrínsecas a este indivíduo.

Ao que se refere aos materiais lúdicos utilizados pelo terapeuta para facilitar a manifestação dos aspectos inconscientes, bem como questões pessoais e relacionais estão os brinquedos, os quais são um método muito empregado neste trabalho. Isso, pois, a partir do mesmo, se dá vazão para que a criança associe livremente.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO EM PSICANÁLISE

Tendo em vista o desejo de aprofundamento de um dos casos clínicos atendidos em psicoterapia, pretende-se posteriormente, apresentar o entendimento psicodinâmico deste citado. Para tanto, serão mencionados fragmentos do respectivo caso, onde passagens suficientemente relevantes serão utilizadas para se pensá-lo. E, a partir de então, embasar-se-á tal estudo sob a luz da Psicanálise. Fundamentalmente, coloca-se que no decorrer da descrição do caso clínico, fora resguardada a identidade real do paciente, utilizando-se, desse modo, um nome fictício mediante o sigilo exposto nos acordos iniciais do contrato terapêutico.

Fazendo-se algumas considerações acerca da Psicanálise, teoria esta que atravessou o trabalho psicoterápico, e continua agora a contemplar o desenvolvimento do escrito, esta configura-se como um método de investigação do inconsciente. Sendo assim, evidencia-se que antes de qualquer aspecto, a realidade psíquica intervém na relação do sujeito com o mundo (FRANKE; SILVA, 2012). Para Oliveira (2004), no movimento de escrever sobre a clínica, torna-se imprescindível não dissociar a teoria da prática. Logo, entende-se por isso, que a primeira é embasada pela experiência e reflexão concebidas pela segunda.

Mediante a exposição da forma de pesquisa em que insere-se a psicanálise, discorrer sobre a clínica está na ordem do simbólico. Frente a isso, Queiroz (2005) fala sobre o uso da metaforização neste processo, a qual dá possibilidade de novas construções, ampliando o fazer desta teoria, onde a relação transferencial entre o analista e o analisando, se torna indispensável neste processo.

Conforme Nasio (2001), a construção do caso clínico, caracteriza-se também como uma forma de beneficiar o tratamento do sujeito ao qual se fala, isto na sua singularidade. E, sobre isso o mesmo ainda coloca que usar-se da expressão “caso”, tem significado de um possível interesse de cunho particular do analista em relação ao analisando. Portanto um caso diz respeito a “um relato de uma experiência singular, escrito por um terapeuta para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico” (NASIO, 2001, p. 11).

4 O CASO CLÍNICO

O paciente a ser descrito trata-se de um menino, o qual identifica-se como Maurício. Este tem 9 anos e é filho único. Devido à separação conjugal de seus genitores, atualmente esta criança reside com a mãe. Contudo, torna-se relevante reportar para o fato de que ele mantém um bom relacionamento e aproximação do pai, embora exista tal situação.

Maurício chegou ao atendimento encaminhado pela escola a qual frequenta. A mesma solicitara atendimento psicoterápico devido algumas questões que observou desde o ano anterior ao pedido, as quais estavam interferindo na aprendizagem do menino. Dentre algumas destas últimas mencionadas estariam: as fugas das atividades pedagógicas, onde se utilizava somente o desenho, a brincadeira pouco oralizadas, a necessidade de desenvolver a autonomia, ter mais iniciativa, resistência a audição de histórias individualmente, pouca procura por grupos diferentes, dificuldades na escrita espontânea (sic), dentre outras.

É muito importante colocar que Maurício possui uma particularidade a qual é de natureza auditiva. Aos dois anos de vida não falava, nem tampouco balbuciava alguma palavra. Portanto, seus pais ao preocuparem-se com esse fato, passaram a dar atenção a alguns acontecimentos cotidianos. Depois de muitos exames, aos dois anos e três meses de vida, constatou-se sua incapacidade auditiva.

Maurício, ao chegar aos atendimentos psicoterápicos no SIS, teve como terapeuta primeira uma das estagiárias do serviço. Contudo, devido algumas de suas especificidades em relação ao horário de atendimento, ficou definida a passagem do seu acompanhamento sob minha responsabilidade. Desse modo, foram realizadas uma soma de 30 sessões. Ressalta-se o fato de que estas foram evidenciadas tanto na modalidade individual, quanto no que se refere à conversa conjunta dos responsáveis do menino, tendo em vista a importância e papel fundamental dos responsáveis neste processo. Lembra-se que neste decurso foi realizada a ida até a escola, momento no qual pode-se ter aproximação das professoras.

Como citado anteriormente, a busca pelo atendimento foi solicitada pelo educandário ao qual Maurício integra. Porém, torna-se importante colocar que embora o paciente tenha chegado ao serviço com demanda relacionadas ao contexto escolar, outras foram eclodindo. Estas dizem respeito à aceitação desta nova configuração familiar, tendo em vista que os pais estão separados,

bem como à aceitação de aspectos relacionados ao uso do aparelho auditivo. Em suma, preocupações com o futuro sobre a visão da sociedade frente a esta especificidade.

Os pais do menino demonstravam bastante receio ao que se refere a possíveis frustrações, devido ao uso do aparelho auditivo, pois o filho deverá usar a vida toda. Além disso, um fato bastante importante a ser posto é o de que, as possíveis motivações da separação conjugal dos genitores, em momento algum fora discutida, nem tampouco mencionadas neste contexto familiar. E, em relação a esta situação, pode-se inferir que existem momentos no qual o paciente presume a possibilidade de uma possível reconciliação entre ambos.

Nesse momento, de modo bastante geral, podem ser evidenciadas no contexto desta dinâmica exposta por Maurício questões que reportam à morte, a família, a separação dos pais, as amizades, o carinho, afeto, o ambiente escolar, os medos, dentre outros aspectos. E de fato, frente aos métodos mais utilizados na psicoterapia de Maurício, está o do brinquedo, muito mais do que a literatura, jogos, ou outro instrumento lúdico.

Atenta-se para o fato, de que aqui foram trazidos recortes bastante sintetizados sobre o caso em questão. Serão citados os instrumentos, os quais, são mais utilizados na psicoterápica de tal paciente. E, a partir do entendimento psicanalítico apreender como a utilização desta ferramenta opera na terapia de maneira geral.

5 COMPREENSÃO TEÓRICO PRÁTICA DO CASO CLÍNICO

Antes de tudo, atenta-se para fato de que o processo que inclui o brincar tem significado de libertação. Por meio do mesmo, há abertura para que a criança possa dar vida a um mundo infinito, ao mesmo tempo que singular. Na análise infantil, um dos principais métodos utilizados pelo analista são os desenhos, mas também os brinquedos. Ao se fazer uso destes, os quais correspondem a um tipo de comunicação diferente, a criança se revela, se permite exprimindo o que possa fazer parte do seu mundo interno, onde uma das incumbências do papel do psicoterapeuta é auxiliá-la na elaboração dos seus conflitos interiores (PARREIRAS, 2006). Contudo, mesmo que a brincadeira seja considerada uma atividade universal, em meio as crianças, cada cultura possui uma forma peculiar, a qual depende das características ambientais, e sociais de onde se vive. Frente a este método, se torna possível que se investigue e se compreenda desde doenças, ou dificuldades, assim como características saudáveis da criança, facilitando ao mesmo

tempo o diagnóstico de patologias (MATIOLI; FALCO; BARROS, 2007 apud NUNES; SCHMIDT, 2014).

Para o analista, o brinquedo, método este empregado na psicoterápica infantil, diz respeito a uma importante ferramenta no processo de análise. Frente ao percurso histórico, o trabalho de análise com crianças teve seu início com a psicanalista Hermine Von Hug- Hellmuth, em meados dos anos 1920. Contudo, embora isto tenha acontecido, somente algum tempo depois Anna Freud e Melaine Klein perceberam que o ato de brincar, sendo uma forma de expressão de discursos espontâneos, poderia ser comparado à associação livre evidenciada pelos adultos (REGHELIN, 2008).

No início dos atendimentos de Maurício, o mesmo chegou às sessões sempre trazendo consigo objetos relacionados à brinquedos, os quais trazia de casa. Por vezes, pegava-os introduzindo no enredo de suas brincadeiras. E, um fato interessante a ser exposto é de que nesse momento inicialmente não me incluía nestas. Expressava-se de modo compreensível, bem como tinha um bom entendimento embora fizesse uso do aparelho auditivo. Porém, em alguns momentos foram apreendidos sentimentos de irritabilidade. Este fato ficava bastante presente quando solicitara ao paciente a repetição de algumas das palavras que não eram compreendidas, bem como quando alguma intervenção, ou contextualização momentânea eram realizadas. Maurício em muitos momentos demonstrou tais expressões, tanto de modo verbal, utilizando-se da frase “*Ai, eu não sei!*”, quanto fazendo um movimento de não resposta, como em um ato de não estar ali.

Em um primeiro momento nas sessões psicoterápicas, Maurício apresentava o desejo de conduzir as propostas colocadas a sua moda, além de ter certa dificuldade de cumprir com os combinados referentes à organização da sala com a aproximação do fim do atendimento. E, em relação às primeiras semanas, percebia-se que sua maneira de brincar era um tanto mais restrita, não dando vazão a novas possibilidades ou escolha por brinquedos diferentes.

Maurício ao iniciar os atendimentos comigo, estava experienciando duas situações referentes à separação. Tanto a dos pais, quanto da terapeuta anterior. Desse modo, tais fatos poderiam estar representando a fragilidade dos vínculos na vida do paciente em questão.

Em relação ao que foi exposto anteriormente, sobre a troca de terapeuta, Freud (1971) reconhece tal ato como prejudicial para o tratamento em si, bem como na relação paciente-terapeuta, tão importantes para o estabelecimento da aliança terapêutica. A autora coloca que por

vezes esta ruptura é mais complicada para as crianças do que para os adultos. Portanto, quando mudanças nesse sentido ocorrem, é compreensível que o analisando oponha-se, especificamente nos casos em que o vínculo com o terapeuta último tenha sido atravessado por um bom trabalho analítico.

Dando prosseguimento as sessões, percebeu-se que aos poucos o paciente convidava-me a participar das suas brincadeiras. E, juntamente com o início desse movimento, passou a pedir que eu escolhesse alguns dos brinquedos, especialmente personagens os quais configuravam-se como bonecos, para que fosse possível a montagem de um cenário. Porém, ao solicitar-me isso, pedia a ele que os escolhesse. Frente a esta situação, pôde-se perceber o início de uma aliança terapêutica.

A aliança terapêutica caracteriza-se como o processo de estabelecimento de uma relação de trabalho, esta entre o terapeuta e o analisando. Esta relação está pautada nas funções concebidas como “autônomas do ego do primeiro, mas remete às suas relações objetais infantis” (PEREZ, 2009, p. 384). Portanto, se torna de suma importância a capacidade do terapeuta expressar empatia, bem como disponibilidade, para com o primeiro, possibilitando caminhos possíveis em direção a identificação, a qual é necessária para que os aspectos instintivos do sujeito neutralizem-se em relação ao terapeuta (PEREZ, 2009).

Nesse mesmo sentido, ainda cabe salientar um conceito psicanalítico denominado transferência, o qual é essencial no tratamento analítico. Este, que fora um dos grandes legados deixados por Freud, ao longo da sua obra. Segundo Palhares (2008) a transferência surge no contato emocional dos analisando decorrido da situação analítica. Contudo, sabe-se que na figura do analista, acontecimentos nesta ordem também são recorrentes, fazendo com que o mesmo produza respostas emocionais em relação aquele que ele analisa. Mediante o que foi trazido é possível observar a “vivacidade do encontro analítico” (PALHARES, 2008, p. 100).

Em relação aos materiais, como evidenciado anteriormente, Maurício na maioria das vezes optou por brinquedos, mais especificamente bonecos. Em uma das sessões, escolheu para mim, três namoradas as quais fizeram parte deste enredo. Para ele, como de costume uma casinha, dois ursinhos, ambos sobre um carro, bem como um “*bebê grande do mal*”. Nos relatos evidenciados pelo paciente, a casa sempre era organizada como se fosse receber alguém. Nesta mesma, encontravam-se colocadas uma mesa, na qual uma janta seria servida. E, por sua vez quem as faria eram as três namoradas. O urso e o sapo, ambos do mesmo tamanho, direcionavam-se para o local, sobre um caminhão. Com a chegada até o respectivo local, a gentileza, cuidado e carinho

se mantinham presentes em meio aos personagens. Porém, após um determinado momento, o bebê grande, acabava por dar fim ao cenário, pois fazia alguma maldade, tanto com atos de agressão, ou ainda, matava estes que no ambiente se encontravam. Ressalta-se o fato de que ainda nesta história, um tigre ou homenzinho, sempre estavam por perto, Maurício os nomeava como guardiões, porém nunca brincava com estes de maneira conjunta. Logo, ou um ou outro era escolhido para encarregar-se da proteção dos que ali estavam colocados. Tais protetores faziam tinham o papel de cuidadores, ou como Maurício expunha, “*pra eles não morrerem*”.

Neste instante, se torna interessante salientar que os brinquedos mencionados na sessão escrita anteriormente, durante algum tempo permaneceram os mesmos, bem como seu enredo. Outro aspecto a ser posto é o de que alguns dos brinquedos que Maurício brincava, o sapo e o urso, haviam sido uma doação da psicoterapeuta anterior. Este aspecto se torna interessante, devido o apego expresso do menino a estes em especial. Em outra circunstância, esta colocação poderia ser vista como sem sentido. Porém, tendo em vista o iniciar de uma nova vinculação com o paciente, estes até o referido momento fizeram-se importantes. Porém, mais relevante foi o fato da escolha por manter os dois brinquedos juntos. A respeito disso, deduz-se que represente a cumplicidade entre Maurício e o pai. Desde o seu primeiro atendimento o pai foi responsável por trazer o filho aos atendimentos, onde podem ser percebidos um elevado nível de afeto nesta relação. Ao que se refere à disposição das namoradas, no delinear desta sessão, pode-se evidenciar a incompreensão por parte do paciente acerca dos reais motivos pelos quais o casamento dos genitores teve fim. Esta poderia estar sendo uma forma que o mesmo encontrou para dar princípio a elaboração do fim do casamento dos pais. Maurício estava vivenciando a separação dos mesmos, a qual embora não tenha sido discutida neste círculo familiar, presentificou-se com a escolha dos objetos citados, os quais foram denominadas assim pelo paciente. Em relação, ao bebê do mal, pode-se inferir, mediante a percepção de algumas sessões posteriores, juntadas a esta, que o mesmo representa a figura do paciente, que poderia vir a ser o responsável pela ruptura do relacionamento do casal, por algum motivo. Em relação a este exposto anterior, o bebê do mal era o último a entrar em cena, e tendo Maurício o pego para fazer parte do momento lúdico. Este personagem entrava por vezes desmontando o cenário que cuidadosamente o menino havia montado inicialmente. Sendo relatadas pelo menino, frases nas quais colocava sobre machucar, ou ainda matar os outros enredados. Buscando por fazer uma interpretação do conteúdo expresso na sessão, pode-se dizer que, para o menino, ao passo que alguém do mal comparecesse, rupturas

poderiam ocorrer, num ato de busca de entendimento sobre o momento atual vivenciado pelo mesmo. Isso pois, nenhuma colocação do término do casamento entre o pai fora lhe colocada. E, no entanto, esta era a forma que até o determinado instante fazia parte do seu imaginário, das suas possibilidades de pensar uma possível explicação para o fim. Isso pois, sempre que o bebê do mal entrava em cena, quando ficava próximo dos demais, alguma coisa ruim aconteceria, como o término, o fim, ou ainda, coisas ruins. Brincar dessa forma, com tais brinquedos e finalidades para cada personagem, simbolizaria uma forma pela qual o paciente estivesse tentando fazer uma possível elaboração deste momento, mais especificamente ligado da separação dos pais.

Para Martinez e Matioli (2012), a separação acarreta em uma grande turbulência no contexto familiar, isso pois implica no enfrentamento de perdas significativas, mais especificamente as de natureza internas, as quais são um tanto mais complicadas de se elaborar. As autoras mencionam, que nestas circunstâncias, é requerido aos filhos que os mesmos possam resolver, ou ainda o excesso pulsional, o qual se configura como certo mistério e solicita uma descoberta, uma nova organização.

Fazendo-se algumas considerações acerca do exposto anterior, a separação dos genitores acaba por impactar na vida da criança de forma negativa. Isso pois, durante esse período existe a possibilidade de se vivenciar situações desagradáveis, por vezes a longo prazo, devido a relação estabelecida entre os mesmos.

Dando andamento na colocação do caso, reporta-se para o fato de que Maurício passou a adotar outros objetos nas suas brincadeiras. Incluindo nesse momento três casinhas. A primeira era de uma menina. Esta tinha consigo alguns amigos. Maurício organizou uma sala no ambiente, no qual encontravam-se os dois ursinhos dentro de caminhão com algumas loucinhas, e que com as quais serviu-lhes um jantar. Neste momento, o guardião estava na figura de um tigre, e tinha papel de proteção da menina. Na casa ao lado, a mãe desta menina residia. O pai, por sua vez, na outra. Em meio a essas duas casas um menino ficava sentado, do lado de fora, para proteger ambas. Após esta organização o pai, bem como a mãe foram jantar na casa desta menina. Ocasão na qual ninguém mal fez-se presente no enredo da história. Logo, não ocorreu de nenhum personagem bater, ou ainda matar, o outro por algum motivo.

Sobre o que fora exposto, um dos fatos que emergiu, diz respeito aos nomes utilizados pelo paciente para identificar os personagens escolhidos. Estes eram exatamente os de seus pais. E, a menina por sua vez, tinha um muito semelhante ao seu. Percebe-se neste instante ainda, a busca

do paciente por apreender a sua nova configuração familiar. Sendo este aspecto retratado no simbolismo das duas casas: uma para a mãe e outra para o pai. E, possivelmente num gesto de não desagradar a ninguém o menino presente neste contexto, permanecia entre meio as duas casas, para assim protegê-las, ou tomando uma postura um tanto mais incisiva, tal personagem poderia ser o centro, motivo do fim do relacionamento dos responsáveis, denotando-se uma forma diferente do primeiro fragmento colocado.

Fazendo-se um contraponto, entre uma sessão e outra, podem ser percebidas algumas nuances nas sessões psicoterápicas do respectivo paciente. Maurício em um momento inicial trazia aspectos relacionados à agressão, bem como morte, brincadeiras um tanto mais destrutivas onde quase sempre os mesmos personagens encontravam-se postados, se utilizando ainda de materiais como a casa, prontos, sem muita criação.

Para Mello (2003), o ato de brincar implica na representação do conteúdo latente, fazendo com que as manifestações do inconsciente sejam representadas. A partir de tais objetos a criança aprende a manter uma comunicação com as pessoas a sua volta, bem como com o mundo de maneira geral. Mediante este aparato, a criança se demonstra, assim como permite ser percebida pelo outro. Enfim, corresponde a uma ponte entre ela mesma e o mundo.

Ao dar continuidade nos encontros percebeu-se o interesse do mesmo em construir, buscar na sala brinquedos que pudessem dar forma ao cenário lúdico. Maurício passou edificar, por exemplo, novas casas, estas com blocos, coloridas. Embora, a encenação de brigas e morte, ainda estivessem acentuadas no *setting* terapêutico. Um ponto diferente, nesse momento fora evidenciado com a escolha de um menino e uma menina. Mesmo que personagens um tanto maus estivessem presentes, ambos permaneciam juntos, protegendo-se mutuamente.

Frente ao que foi mencionado acima, em relação à morte, ou ainda possíveis perdas, evidenciadas pelo paciente, houve um momento onde em conversa com os responsáveis, os mesmos relataram a de uma familiar. Esta era muito próxima do menino, e tinha quase a mesma idade quando a fatalidade aconteceu. Porém, tendo este fato ocorrido há alguns anos, dificilmente Maurício tocava no nome da mesma, porém sabia do que com ela havia acontecido. Seu entendimento expresso sobre a morte era o de que quando isso ocorria “*As pessoas viram estrelinha no céu*”. Maurício nunca mencionou sobre o fato na psicoterapia, porém houve um momento em que conversamos sobre isso na sua presença, e ainda assim, ele demonstrou indiferença. Ao que diz respeito à menina da história, Maurício passara a referir sobre uma amiga

nova. Em seus relatos, mediante as conversas realizadas com ele no espaço psicoterápico, o mesmo trouxe uma amizade especial que mantinha com uma menina da escola, a qual coincidentemente possuía o mesmo nome da prima, familiar esta que havia falecido. A menina em questão fazia parte de uma turma à frente de Maurício. Em relação a este fato, pode-se inferir a abertura para outros relacionamentos interpessoais na vida do paciente. Em um primeiro instante, sua interação estava ligada estritamente ao convívio da sua classe, ou seja, dos colegas da turma, e ainda aos familiares. Contudo, neste segundo atenta-se para o fato de um estabelecimento de novas possibilidades de encontro.

Em relação ainda a função das brincadeiras, a criança tem a possibilidade de sentir, viver, bem como reviver os acontecimentos no que se refere ao mundo exterior a sua volta. Aos poucos, frente ao ato de brincar, um espaço da ordem do imaginário vai sendo constituído e proporcionando a ela a discriminação e elaboração a alguns aspectos “[...] do mundo faz-de-conta e o que faz parte ao mundo exterior” (NUNES; SCHMIDT, 2014, p. 18).

Dando continuidade ao processo analítico, houveram ocasiões em que Mauricio passou a trazer alguns materiais de casa, e em uma destas trouxe uma lembrança do pai. Neste instante a abriu, falando sobre os números que nela estavam inscritos, ao passo que mencionava sobre estar aprendendo a ler. Conversamos sobre o fato de sempre estarmos aprendendo e sobre ter paciência para isso. Neste instante comentou sobre ajudar um colega em aula, bem como do quanto sentiu-se feliz quando a professora pedia que ele auxiliasse, às vezes, algum colega. Ao ter falado sobre este fato, Maurício estava sentado em uma cadeira que encontrava-se perto da mesa, com o ursinho que em um momento anterior havia sido guardião da sua história, o sapo que era pai do ursinho, bem como duas filha. Todos estes na sua frente, isto logo próximo ao momento do final da sessão. Com todos junto a ele Maurício pegara um livro onde passava o dedo, linha após linha, como num ato de estar lendo-as. Contudo, ao perguntar-lhe sobre se gostaria de fazer isso em voz alta, o mesmo colocou que não, e do seu jeito continuou lendo para os personagens.

Neste instante reporta-se para o fato de que o processo de aprendizagem se dá de maneira lenta, onde cada um tem um modo diferente para tal, fazia com que o paciente passasse a trazer mais sobre o âmbito escolar para o *setting*. Percebeu-se que de pouco a pouco, Maurício parecia estar mais aberto para falar sobre si mesmo, suas dificuldades, mas também reconhecer potencialidades. Na época, Maurício estava aprendendo a ler, e viu no objeto que trouxe de casa, uma possibilidade de trazer a novidade para o espaço terapêutico. O paciente mantinha uma rotina

agitada, onde as aulas diárias versavam com outras atividades cotidianas relacionadas ao ensino. É relevante ressaltar o fato de que por vezes o mesmo chegara cansado aos atendimentos.

Percebo que o vínculo com o paciente fica mais estável no momento que antecedia alguns dias do intervalo, antes do recesso dos atendimentos. Fica clara a percepção de uma transição vivenciada pelo menino. Onde denotou-se que a fala, o relato passara a sobressair-se em relação à brincadeira. Contudo, reporta-se para o fato de que embora isto tivesse ocorrendo o brinquedo e os aspectos lúdicos ainda encontravam-se presentes na análise.

Mauricio passou a falar mais, isto referente a todas as esferas da sua vida. Dando a possibilidade de identificar um outro elemento bastante interessante. Este, dizia respeito ao estabelecimento de um diálogo, onde passara a não responder somente sobre alguns questionamentos realizados, mas também dar respostas com um maior número de informações, além dos quais o indagava.

Salienta-se o fato de que as brincadeiras que compõe o cenário lúdico da criança, não é a via única de representatividade e expressão da mesma, não sendo desse modo o único ponto a ser interpretado pelo analista. Os sinais corporais, o comportamento, o modo pelo qual ela dá sequência a uma brincadeira e outra, bem como a forma de partilhar com o terapeuta um determinado conteúdo, vão adquirindo sentido no momento que são analisadas como um todo. No momento que a criança brinca, ela conversa denotando informações diversas, as quais tem a mesma conveniência das associações (KLEIN, 1975).

Em relação às conversas realizadas com os pais, os mesmos colocaram sobre Maurício gostar muito de brincar com legos. Porém, mesmo que estes estivessem disponíveis na sala, ele dificilmente os pegava. Contudo, mencionou durante muitas vezes sobre as coisas que constrói em casa. Ao perguntar ao mesmo sobre o porquê de gostar tanto de tais brinquedos, ele mencionou a frase: *“Eles fazem bem pra gente”*. E, torna-se interessante ressaltar o fato de que em uma das sessões, ele decidiu por brincar com o material citado, construir algo com os mesmos. Ao ter feito isso, e ser questionado de que se tratava ele expôs: *“É uma coisa de guardar coisas”*, estando mais calado nesse dia, só mencionou tais frases em relação ao feito, colocando ao mesmo tempo que não gostaria de falar.

Para que seja possível conceber um entendimento sobre este ponto, torna-se importante reportar para o fato de que o paciente em um instante anterior, antes mesmo de dar início a psicoterapia individual, fazia uso do lego mais precisamente, segundo a escola, para atrair os

colegas para seu entorno. Numa tentativa de aproximação, os tinha sempre junto consigo. Porém, pode-se inferir que a afeição por tais objetos mesmo neste instante anterior, ia muito além do que uma simples forma de tentar o contato com o próximo. Podendo as estruturas delineadas e a edificação das mesmas serem algo relacionado a um repositório de sentimentos, se considerado for uma possível interpretação das falas proferidas por Maurício, estas somadas com o seu comportamento naquele momento.

Sobre as interpretações, estas são relevantes quando resultam uma remodelagem no modo como o paciente se porta, bem como no material utilizado pelo mesmo. Desse modo, estas por vezes não se dão tão rapidamente. Sendo assim, nem sempre ocorrem de forma imediata, podendo o terapeuta fazer esse movimento repetidas vezes, assumindo estes contextos diversos (SANDLER, 1982).

Torna-se relevante fazer um apontamento importante, este relativo ao segundo momento da psicoterapia. O paciente volta, tendo acentuado o desejo de falar. Existiu um encontro no qual havia disponível na sala de atendimento uma casinha pequena, contudo este fato não impediu de que ele entrasse na mesma. E, mesmo sendo questionado sobre o ocorrido, não hesitou em permanecer ali. Ficou em silêncio durante um tempo, e perguntou novamente se eu havia trancado. Ao sair, sentou-se no chão da sala ficando ali metade da sessão, a minha frente contando sobre suas férias, viagens e acontecimentos neste período. Neste dia comentou sobre um fato bastante importante onde disse: *“A casa do meu pai é bem pequena, quando eu completar 10 anos, eu vou conversar com o meu pai. Vou convidar ele pra morar com a gente de novo, porque a gente vai comprar uma casa bem grande”*. Somados a tais relatos, lembra-se que o mesmo estava fazendo aulas de judô, citando isso com bastante euforia e empolgação. Porém, duas semanas após tal acontecimento, disse que não iria mais fazer. Ao ser questionado sobre isso o mesmo respondeu: *“Não vou mais. Já sei lutar”*.

Infere-se que quando o paciente salienta sobre saber lutar, o mesmo denota que está buscando lidar com tudo que lhe ocorre. E por sua vez, tem enfrentado isso. Porém, um fato que emerge ainda, é novamente o da separação. Este fica clarificado no instante em que expõe sua percepção, a respeito de que se sua casa fosse maior o pai poderia voltar para a mesma. Em relação a isso, denota-se a eclosão de uma possível mudança de olhar por parte do paciente. Antes, o bebê do mal assumia uma possível culpa pelo término do relacionamento conjugal dos pais, agora tal

percepção toma outra via, a qual demonstra uma incessante busca de explicação para o acontecido ainda, mas que agora, já não exprime uma possível culpa que antes se apresentava.

Neste instante, impõe-se novamente a importância do diálogo acerca do enredo que envolve tal separação, a qual atravessara as sessões do paciente sequencialmente, e estava sendo um dos entraves na vida do menino, fazendo suscitar em Maurício um emaranhado campo imaginário, tão recorrente na criança. Portanto, ocultar certas informações da criança não significa que a mesma não possa fantasiar alguns aspectos. Possivelmente, tendo em vista a disposição de um clima tensional, na maioria das vezes expresso pelos genitores, além de segredos, ou ainda uma atitude de falar em tom de voz mais baixo, para que o mesmo não apreenda alguns fatos. Estas formas não configuram-se como a melhor saída para se lidar com a situação. Isso, pois, estas últimas poderiam levar o paciente a formar noções subjetivas, de certo modo, com o pouco que lhe estaria disposto.

Freud (1989) ao falar sobre este fato exprime que a criança se põe como um poeta na brincadeira. E, mesmo sendo este brincar ilusório, ela o toma como algo muito sério. Relativo a isso ele ainda coloca que “seria, pois, incorreto pensar que ela não leva a sério esse mundo; ao contrário, ela leva muito a sério o seu brinquedo e emprega nele grandes quantidades de afeto. O contrário do brincar não é a seriedade, mas a realidade” (FREUD, 1989, p. 149).

Rocha (2012) nos fala que a criança no contato com os brinquedos cria, bem como fantasia, fazendo com que se estabeleça uma ponte entre o mundo real externo e seu mundo subjetivo. Sendo assim, esse processo suscitaria uma área marcada pela ilusão. Em relação a isso, a descoberta da técnica que utiliza o brinquedo, ao longo do tempo foi possível que se realizasse a interpretação em relação à ansiedade, bem como fantasias da criança. Isto tudo, por meio da utilização do mesmo no *setting* terapêutico (REGHELIN, 2008).

Consonante com o que foi dito anteriormente, Aberastury (1992, p. 171) relata que este elemento lúdico é uma fonte de “projeção das fantasias, facilitando a elaboração das situações traumáticas”, o que permite ao terapeuta a investigação. Frente a este fato, Copolillo (1990) apud Reghelin (2008), menciona que ambos, analista e paciente por meio deste método tecerão um trabalho o qual seja permeado pelo exame dos sentimentos, bem como acontecimentos, tendo o intuito de aumentar suas possibilidades escolhas frente ao seu modo de agir e pensar. O terapeuta também a ajudaria a elaborar suas dificuldades, buscando por proporcionar o alívio de seu sofrimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que foi dito anteriormente se torna interessante, bem como inegável o fato relativo às contribuições acerca da condução e modo de trabalho na clínica infantil. Embora tenham sido configuradas há tanto tempo, ainda hoje permanecem sendo atuais. Realmente, o sofrimento humano apresenta várias facetas, sendo componente da vida de muitas crianças. Nesse sentido, o papel do analista deve ser mediado pela sensibilidade, na busca do auxílio da reorganização simbólica dos processos subjetivos inconscientes, os quais no caso das crianças apresentam um aporte ou método particular, facilitador para a associação livre, em que os chamados materiais lúdicos, compostos pelas brincadeiras, desenhos, mas também pelo uso dos brinquedos são bastante válidos nas sessões com a criança.

No decorrer deste processo, o qual visa o bem-estar deste ser, a presença dos pais é fundamental, tendo em vista que a mesma se constitui frente ao imaginário dos mesmos, bem como pelo seu discurso. Isto, pois, por meio destes sujeitos que a criança passa a se reconhecer como ser humano.

Em relação ao estudo de caso exposto, evidencia-se a diversidade de materiais simbólicos que o paciente trouxera em análise. Além disso, percebeu-se com o aprofundamento e revisita ao caso, que uma grande questão fica evidente mais especificamente: a separação dos genitores. Esta, denotou-se como um entrave para o paciente, mas também para os responsáveis. Porém, embora isso ocorresse se torna necessário que se aponte a indubitável transição, bem como evolução do paciente em questão. Nesse sentido, para que fossem possíveis algumas interpretações, a apreensão da maneira da criança exprimir-se foi de suma importância. Além, do seu comportamento, seus relatos e os aspectos lúdicos presentes no *setting*. Nesse instante, aponta-se para o fato das nuances que o modo interpretativo toma. No decorrer da psicoterápica de cunho analítico, estas tiveram a possibilidade de fazer certos movimentos, na direção de uma constante construção, assumindo um caráter de remodelagem do material emergente na situação clínica, onde também a transferência fora de grande valia para que isso fosse possível.

Frente ao que foi trazido, se torna importante atentar para o fato da importância de se manter as propostas interessantes para manter vivo o processo de análise, proporcionando a criança um ambiente lúdico o qual dê vazão aos processos psíquicos inconscientes. Isso, pois, é a partir de

tais recursos que a criança passa a associar livremente. Ao passo que oferece-se a mesma um certo tipo de liberdade, de voz e de expressão na busca pelo mundo interno expresso em cada uma delas em direção à elaboração de questões que são responsáveis por grandes angústias, medos e sofrimentos.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ARAÚJO, M. L. O discurso dos pais na clínica psicanalítica com crianças: significantes transgeracionais em questão. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2001, São Paulo.

Anais... Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300025&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 3 dez. 2017.

BARROS, G. O Setting analítico na clínica cotidiana. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 40, p. 71-78, dez. 2013. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 dez. 2017

CAMAROTTI, M. C. O nascimento da psicanálise de criança: uma história para contar.

Reverso, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 49-53, set. 2010. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 dez. 2017.

FRANKE, D.; SILVA, J. C. Da escuta à escrita: a construção do caso clínico em psicanálise.

Psicanálise & Barroco em Revista, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 42-61, dez. 2012. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/Psicanalise&barrocoemrevista/2012/vol10/no2/2.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FREUD, A. *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LACAN, J. Duas notas sobre a criança. Ornicar? *Revue du Champ Freudien*, n. 37, avr./ jun. 1969.

MANNONI, M. *A criança, sua "doença" e os outros*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARTINEZ, V. C. V.; MATIOLI, A. S. Enfim sós: um estudo psicanalítico do divórcio.

Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 12, n. 1/2, p. 205-242, jun. 2012. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MELLO, M. B. *A interpretação do brincar na clínica psicanalítica*. 2003. 55 f. Monografia (Curso de Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2837/2/9857476.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

NASIO, J.-D. (Dir.). *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NUNES, M. L. T.; SCHIMIDT, M. B. O brincar como método terapêutico na prática psicanalítica: uma revisão teórica. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 1, p. 18-24, jan./jun, 2014.

OLIVEIRA, I. M. A. O caso clínico na instituição pública: polifonias desejanter. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 82-93, set. 2004.

PALHARES, M. C. A. Transferência e contratransferência: a clínica viva. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 100-111, mar. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2018.

PARREIRAS, N. F. *A psicanálise do brinquedo na literatura para crianças*. São Paulo, 2006. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis>. Acesso em: 5 dez. 2017.

PEREZ, R. S. Aliança terapêutica em psicoterapia de orientação psicanalítica: aspectos teóricos e manejo clínico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 383-389, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n3/v26n3a11.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da psicanálise: algumas considerações. *Psicologia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 72-77, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 dez. 2017.

QUEIROZ, E. F. Inclinar-se para a escuta e inclinar-se para a escrita. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 18, n. 184, p. 60-64, dez. 2005.

REGHELIN, M. M. O uso da caixa de brinquedos na clínica psicanalítica de crianças. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n. 5, jan./mar. 2008. Disponível em: <www.contemporaneo.org.br/contemporaneo>. Acesso em: 4 dez. 2017.

ROCHA, Z. O papel da ilusão na psicanálise Freudiana. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 259-271, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982012000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2018.

SANDLER, J. *Técnicas da psicanálise infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

SILVA, J. M.; REIS, M. E. B. T. Psicoterapia psicanalítica infantil: o lugar dos pais. *Temas de Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 235-250, mar. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 dez. 2017.

WINNICOTT, D. W. *O trabalho e o brincar uma leitura introdutória*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.